

>> *Temática Especial*

A docência com crianças em situação de imigrantes: potências e desafios na interlocução entre Brasil e Venezuela

Andressa Guterres dos Santos*

Sheyla Werner Freitas**

Resumo:

Com o objetivo de apresentar e de analisar as potências e os desafios da prática e das interlocuções na/docência para e com crianças em situação de imigrante, suas famílias, colegas e comunidade escolar envolvida, o presente relato parte da experiência junto de duas turmas de Educação Infantil de uma escola municipal, região metropolitana de Porto Alegre, na qual crianças advindas da Venezuela foram matriculadas em 2022. Com base teórica em autores e autoras do âmbito da educação e da educação inclusiva, realizamos, neste documento, uma análise das vivências nessas duas turmas às quais essas crianças em situação de imigrante integraram, apresentando um projeto pedagógico desenvolvido a partir do interesse e da curiosidade dos alunos sobre o país de origem das novas colegas. Os resultados indicam a importância do papel do professor na observação, na articulação com diferentes atores e na busca de recursos e de possibilidades para o acolhimento e a inclusão no contexto escolar. Reconhecemos o quanto a diversidade étnica contribui para o desenvolvimento de todos os envolvidos, qualificando o processo educativo e ampliando o repertório sociocultural na/dia escola e das crianças. Salientamos, ainda, a necessidade e a importância da ampliação de pesquisas sobre o tema em questão.

Palavras-chave:

Imigrantes. Diversidade Étnica. Docência. Educação Infantil.

Teaching children in the situation of immigrants: potencies and challenges in the dialog between Brazil and Venezuela

Abstract: *In order to present and analyze the potencies and challenges of practice and dialog in/for teaching children with immigrant backgrounds, their families, colleagues and the school community*

* Pedagoga (UFRGS), MBA em Gestão Escolar (UNIRITTER), gestora na EMEI Vó Maria Aldina da Rede Municipal de Canoas/RS. E-mail: gutandressa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4134-7433>.

** Doutora em Educação (UFRGS), docente no Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER) e professora do Atendimento Educacional Especializado do Colégio Marista Champagnat, Porto Alegre/RS. E-mail: sheylawerner@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1714-4698>.

involved, this report starts from the experiences in two classes of early childhood education in an urban school in the metropolitan region of Porto Alegre, in which children from Venezuela were enrolled in 2022. Starting from theoretical authors of the educational field and inclusive education, we conducted an analysis of the experience of two classes in which children with migrant backgrounds participated. In doing so, we presented an educational project developed from the children's interest and curiosity in the country of origin of their new colleagues. The results show the importance of the teacher's role in observing, articulating with different actors and seeking resources and opportunities for reception and inclusion from the school context. It is recognized how much ethnic diversity contributes to the development of all stakeholders, qualifies the educational process and expands the socio-cultural repertoire in/of the school and the children. The need and importance of expanding research on this topic is also emphasized.

Keywords: *Immigrants. Ethnic Diversity. Teaching. Child Education.*

La educación de los niños inmigrantes: competencias y desafíos en la interlocución entre Brasil y Venezuela

Resumen: *Con el objetivo de presentar y analizar las competencias y desafíos de la práctica y de las interlocuciones en la docencia para y con niños en situación de inmigración, sus familias, colegas y la comunidad escolar involucrada; este informe se basa en la experiencia en dos cursos de Educación Infantil en una escuela municipal de la región metropolitana de Porto Alegre, en la que en 2022 se inscribieron niños de Venezuela. A partir de la fundamentación teórica de autores del ámbito de la educación y la educación inclusiva, se analizan las experiencias con dos cursos en los que participaron niños en situación de inmigración, presentando un proyecto pedagógico desarrollado a partir del interés y la curiosidad de los niños por el país de origen de sus nuevos compañeros. Los resultados indican la importancia del papel del profesor en la observación, en la articulación con diferentes actores, en la búsqueda de recursos y posibilidades de acogimiento e inclusión desde el contexto escolar. Se ha constatado que la diversidad étnica contribuye al desarrollo de todos los implicados, cualificando el proceso educativo y ampliando el repertorio sociocultural en la escuela y de los niños. También se destaca la necesidad e importancia de ampliar la investigación sobre el tema en mención.*

Palabras clave: *Inmigrantes. Diversidad étnica. Docencia. Educación Infantil.*

Um convite para começar

Onde está Venezuela?
Papai animado respondeu com um grito:
vamos juntos viajar por um país abençoado.
(Nacho Palacios, ¿Dónde está Venezuela?)

Convidamos o leitor para uma viagem na qual, facilmente, poderia ser a Venezuela o destino desse percurso, mas o local é quase ponto de partida deste relato, cujo objetivo é apresentar e analisar as potências e os desafios das interlocuções na/da docência para e com crianças em situação de imigrante, suas famílias, colegas e comunidade escolar envolvida. A experiência concretizou-se em uma escola de Educação Infantil de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Salientamos o quanto a epígrafe apresentada toma diferentes perspectivas para além do convite provocador. A história, intitulada *¿Dónde está Venezuela?*, do escritor venezuelano Nacho

Palacios (2017), foi parte importante do percurso. Além disso, diferentes elementos oferecidos pela história foram vivenciados pelas crianças, famílias e pelos professores envolvidos nessa prática.

Em suma, consideramos que a proposta deste relato diz muito sobre nosso olhar, bem como sobre a perspectiva almejada por aqueles que nos acompanham. Compreendendo tratar-se de um:

[...] exercício do olhar com uma troca de preposições: ao invés de olhar ‘sobre’, olhar ‘para’. Ou seja: buscar-se-á um olhar-para o sujeito e para a situação em que se encontra, e não, simplesmente, um olhar-sobre esse sujeito e sobre sua situação peculiar. Nesse movimento de olhar-para, as escolas acabam se configurando como uma porta de entrada aos serviços públicos e à integração social do sujeito em situação de imigrante [...] (NOBRE, 2021, p. 29).

Foi nesse lugar que a escola se colocou para Carmen, Juana¹ e suas famílias, as quais chegaram ao Brasil em momentos diferentes, ou melhor, enquanto a família da primeira estava desde novembro de 2021 no país, Juana e seus familiares chegaram aqui em julho de 2022, ambas imigrando a partir de cidades da Venezuela. Embora a escola em que se matricularam seja a mesma, frequentavam-na em turnos diferentes. E, nesse momento inicial, queremos destacar o quanto a escola se colocou como espaço de acolhimento e de auxílio para a garantia de direitos para essas famílias, mas, principalmente, de inclusão social, sendo importante considerarmos que “[...] além do acesso, enfatizamos a importância da permanência da criança em situação de imigrante, haja vista isso perpassar a eliminação de barreiras para sua plena inclusão na instituição de educação infantil” (NOBRE; SANTOS; FREITAS, 2021, p. 16).

Quais são as principais barreiras que se interpuseram a Carmen, a Juana e a suas respectivas famílias no contexto escolar? Quais os caminhos que a docência pode produzir diante do encontro com crianças que trazem consigo uma nova língua, nova cultura, novas formas de ser e de estar como criança, como sujeito? Quais as possibilidades diante dos desafios do processo de incluir?

Essas e outras perguntas nos auxiliaram a organizar o percurso desta escrita. Para relatar tais aspectos e oferecer algumas pistas para responder às questões a quem aceitou o convite de percorrer conosco essas linhas, continuamos o presente relato em dois eixos distintos: 1. os encontros: entre desafios e possibilidades, no qual apresentamos os caminhos metodológicos adotados, oferecendo pistas do olhar analítico, tendo como base teórica apontamentos de autores que discorrem sobre o tema: Nobre (2021), Fabian (2021), Maçaneiro e Bailer (2020), entre outros teóricos; e, o eixo 2. Considerações: para outros percursos, em que trazemos apontamentos reflexivos, considerando não se tratar de uma viagem que termina aqui, mas que, também, considera como fundamento para contribuir em outras práticas e pesquisas.

Diante do exposto, seguimos em um movimento de ir, vir e permanecer. E, embora pareça poetizado (e talvez um pouco o seja), trata-se de um movimento constituído como direito, de um e de todos em nosso país: “É livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, *podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou sair com seus bens*” (BRASIL, 1988, art. 5º inciso XV, grifos nossos).

Os encontros: entre desafios e possibilidades

A docência se faz no dia a dia, num eterno se (re)descobrir, (re)inventar e (re)aprender. Esse é o movimento esperado nas práticas docentes, desde o planejamento às produções nas salas de aulas. Seja para as educadoras ou para os educandos, perpassando desde a educação infantil ao

¹ Nomes fictícios.

ensino superior. Movimentos que sustentam uma prática inclusiva para e com todas as crianças. Para contarmos sobre os primeiros encontros, reiteramos, de antemão, o quanto “[...] incluir não significa tornar os outros como nós, ou, inversamente, desistir de nossa identidade para assumir a do outro, mas *construir pontes entre as pessoas, as situações e as habilidades*” (PARMEGGIANI, 2018, p. 21, grifos nossos).

Essas foram as perspectivas que se constituíram no encontro com duas turmas do Jardim Dois (crianças com idades entre cinco e seis anos) da educação infantil, nas quais o olhar e a prática inclusiva se fizeram necessários: na turma da tarde, Carmen, uma menina de cinco anos, muito alegre e atenta a tudo o que acontecia ao seu redor; com seus pais e sua irmã menor, vieram da cidade Guayana (Bolívar, Venezuela) para o Brasil, em agosto de 2021, ficando em Manaus (Amazonas, Brasil), por seis meses. Em fevereiro de 2022, mudou-se para uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil). Iniciou na escola no mesmo mês, numa turma composta por crianças que não haviam frequentado a educação infantil antes, ou seja, ingressou e participou de adaptações em conjunto com os demais colegas. Comunicava-se com seus colegas ora usando palavras em espanhol de fácil compreensão, ora usando nosso português, facilidade linguística adquirida durante os seis meses que morou em Manaus.

No turno da manhã, no mês de julho, chega à turma a Juana, outra menina com cinco anos de idade que vivia em Cumaná (Sucre, Venezuela); a princípio, o destino da família seria Boa Vista (Roraima, Brasil), no entanto, devido à falta de oportunidade de trabalho, migrou com os pais e os dois irmãos mais velhos para o Rio Grande do Sul. Juana pareceu familiarizada com a escola, mostrou-se receptiva e encantada com os colegas e os educadores. Diferente de Carmen, Juana falava apenas em espanhol e demonstrava dificuldade em compreender a língua portuguesa. Professoras, colegas e demais profissionais que atuavam na escola se empenhavam para compreender as falas e as necessidades de Juana.

Diante das curiosidades da turma, percebidas desde a chegada de Juana e a necessidade de proporcionarmos a ela um ambiente ainda mais acolhedor, produziu-se um projeto pedagógico de modo que toda a turma (e por que não a escola?) se envolvesse, afinal “[...] é importante ressaltar que conhecer costumes e hábitos diversos que as crianças trazem consigo para o interior das instituições, principalmente referente a sua cultura é relevante para que possamos realizar um trabalho pedagógico de valorização e pertencimento” (MAÇANEIRO; BAILER, 2020, p. 6). O projeto iniciou na turma de Juana, mas passou a reverberar, igualmente, na turma de Carmen. Dessa forma, ampliou-se, tornando-se um projeto das duas turmas.

As propostas e toda produção do projeto tiveram como base as inferências das crianças, despertadas a partir da convivência com a colega venezuelana, bem como os novos hábitos que Juana e Carmen vivenciavam. Perante esse contexto, o objetivo do projeto foi “conhecer e aproximar as culturas brasileira e venezuelana, produzindo vínculos e vivenciando novos hábitos”, considerando que a experiência de *novos hábitos* se direcionava tanto às crianças brasileiras como às crianças da Venezuela. Salientamos que o projeto se organizou como investigação para e com as crianças, colocando-as como protagonistas do processo.

Nessa perspectiva, foram propostos diferentes momentos como rodas de conversa, atividades, histórias, encontros, produções artísticas, vídeos, entre outras proposições. A cada semana, um aspecto ou tema era explorado, por vezes, como continuidade da semana anterior, e, em outros momentos, um novo foco de conhecimento a ser investigado, sendo conduzido a partir do envolvimento, das demandas e das curiosidades trazidas pelas crianças e, também, a das observações e da avaliação da professora.

Foi perceptível que a escola como um todo estava se envolvendo no projeto e nas ações propostas, uma vez que a convivência e a curiosidade entrelaçavam todos os cantos do local, pois envolvia as crianças de outras turmas, os profissionais da limpeza, da cozinha e os demais educadores. Nesse sentido, o projeto tomou proporções além das previstas, ampliando as interlocuções

e as possibilidades para todos. Na impossibilidade de trazer toda a dimensão dessa experiência, selecionamos alguns momentos que colocam em evidência as potências (e os desafios!) das interlocuções necessárias diante da diversidade étnica no contexto escolar.

As rodinhas

Semanalmente, as turmas realizavam rodas de conversas. Em uma delas, como proposta do projeto, apresentou-se uma série de fotografias de diferentes lugares, curiosidades e aspectos sobre a Venezuela. Juana, no decorrer, mostrou cada lugar para seus colegas, os quais ficaram encantados com a beleza e a grandeza do país. Após reconhecer o quanto aquele momento foi importante para as crianças, propôs-se também na turma de Carmen.

Em outro momento, convidamos as famílias das crianças para uma rodinha; as mães compareceram e compartilharam, com os colegas, fotografias pessoais de suas famílias, de pontos turísticos, de festas, costumes, de paisagens, de comidas típicas, contando-lhes sobre as curiosidades contidas em cada imagem. As crianças atentas e curiosas levantaram várias questões como: “A água do mar é quente ou gelada como aqui?”; “Lá tem Papai Noel também?”; “Como vocês vieram para cá, de ônibus?”; “Lá tem Carnaval, também?”. Entre outras curiosidades, que serviram de inspiração à pesquisa e às propostas.

A partir das rodinhas e de diversas dúvidas das crianças sobre como pronunciar o nome de alguns alimentos, produziu-se de um dicionário bilíngue, através de cartazes fixados nas paredes da sala de aula, com desenho das crianças e legendas, tendo a professora como escriba, ou seja, o uso da comunicação aumentativa e alternativa como possibilidade, contemplando a cultura e pluralidade das infâncias (NOBRE; SANTOS; FREITAS, 2021). Outra potencialidade desta troca cultural foi a música, pois, a partir da melodia, as meninas reconheciam algumas canções, tornando possível cantá-las em português e aprender com elas a mesma música em espanhol.

A participação das famílias

Relevante pontuar a importância da participação das famílias no desenvolvimento do projeto, pois este iniciou já na acolhida, momento no qual os familiares puderam salientar algumas preferências das crianças. No entanto, reconhecemos a necessidade desse diálogo ser mais amplo. Além do convite para a rodinha, as mães das meninas venezuelanas se fizeram presentes em vários outros momentos. Dentre esses, destacamos a *Oficina de Cabelos Enfeitados*, na qual as crianças vivenciaram uma prática cultural do local: fitas coloridas nos cabelos. Para além da proposta de enfeitar os cabelos, foi notável outra tradição: a relação mãe e filha no processo de trançar os cabelos, Carmen auxiliava sua mãe todo o tempo, alcançando as fitas e os grampos. Posteriormente, a mãe comentou que é tradição antiga na Venezuela a criança, desde pequena, auxiliar nas tranças e nas fitas, sendo algo que vai passando de geração em geração.

A história

Um recurso fundamental foi o livro *¿Dónde está Venezuela?*, de Nacho Palacios, com ilustrações de Leo Nieves. Nesse livro, o autor venezuelano apresenta a história de dois primos vivendo em países diferentes; quando um deles realiza uma videochamada e, assim, ambos relembram, com nostalgia, alguns lugares turísticos e importantes da Venezuela. As ilustrações apresentam riqueza de detalhes e possibilitam uma viagem imaginária ao país

de “paisajes imponentes” (PALACIOS, 2017, p. 28). A contação dessa história possibilitou às crianças brasileiras conhecer alguns lugares especiais, e, ao mesmo tempo, permitiu às meninas venezuelanas revisitar seu país de origem.

De modo semelhante, destacamos a importância de oferecer um livro e uma história na língua de Carmen e de Juana, pois a contação da história pode dar-se nas duas línguas, ou seja, a partir da leitura em espanhol e da tradução livre realizada pela professora, permitindo o envolvimento de todos. É válido destacar que, principalmente, possibilitou às meninas, reconhecerem que as produções e a cultura de seu país também habitam as salas de aula que agora frequentam. Reconhecemos que pode ser ponto de preocupação aos educadores uma leitura em uma outra língua. Sob esse viés, tomamos tal aspecto como um desafio referente a qualquer língua, todavia as histórias para crianças possibilitam caminhos alternativos com as ilustrações, pois, além de podermos envolvê-las no processo, elas podem criar hipóteses e traduções livres sobre o que foi contado por meio da leitura das imagens e dos contextos que precedem a sequência da história.

Verificando-se a necessidade de compreender alguma palavra em específico, há uma infinidade de recursos tecnológicos capazes de proceder a tradução, rapidamente, através de comando de voz ou de escrita por meio de smartphone, que as próprias crianças podem acessar, caso haja disponibilidade de aparelhos e de rede nas escolas.

No caso de crianças em processo de alfabetização e de letramento, ainda há a possibilidade de representação por meio de desenhos e de escrita das palavras nos dois idiomas, criando pictogramas, iniciando um caminho da Comunicação Aumentativa e Alternativa, que pode ser utilizado para a compreensão e a ampliação de outras línguas (KUBEO *et al.*, 2022).

O encontro entre as meninas

Até outubro de 2022, as meninas ainda não se conheciam pessoalmente, haja vista estudarem em turnos opostos, porém uma sabia da existência da outra através do projeto, pelo diálogo com a professora e, principalmente, pela documentação pedagógica em construção: exposições das propostas e das atividades desenvolvidas, fotografias e produções que preenchiam as paredes da sala e dos demais ambientes da escola. O encontro vinha sendo planejado pela professora para dar-se ao final das intervenções, mas foi antecipado, pois o projeto foi selecionado para ser apresentado em uma feira de Iniciação Científica. Quem poderia apresentar melhor o projeto senão as próprias crianças?

O projeto foi inscrito e apresentado na 10ª. Feira Municipal Científica e Tecnológica (omitido) que mais tarde rendeu um prêmio de Pesquisa destaque com Menção Honrosa. A apresentação realizada pela professora, juntamente com outras quatro crianças: duas brasileiras e as duas meninas venezuelanas. Naquele mesmo dia, Carmen e Juana encontraram-se pela primeira vez. Esse momento foi esperado por todos que acompanhavam o andamento das atividades. As meninas se abraçaram e imediatamente iniciou-se uma longa conversa entre elas na língua materna. Conversaram sobre a escola, os colegas, a professora, sobre as cidades em que viviam, e, é claro, sobre como estavam gostando do seu novo país.

O destaque do encontro está no detalhe observado no princípio da conversa, em que Juana comenta: “Minha maestra habla português e espanhol”. Uma fala significativa, visto que a professora não é fluente em espanhol, mas buscou recursos para, ou seja, fez a leitura da história em espanhol e, sempre que possível, trazia novas palavras traduzidas a ela. Questão que fez uma grande diferença no sentido afetivo para manutenção e desenvolvimento de vínculos, evidenciando a importância do papel da professora em todo o processo.

A partir do vínculo construído entre as meninas no encontro, observamos o esforço das famílias em se encontrarem. Logo, Juana e Carmen estavam contando aos colegas de suas turmas sobre os novos encontros entre elas possibilitados pelas famílias, fora da escola, pois se conheceram e passaram a conviver e a dividir outras experiências juntos.

Considerações para outros percursos

As diferenças são riquezas. O contato com o diferente nos permite conhecer novas realidades e compreender comportamentos e costumes que, para nós, são desconhecidos. Quando isso acontece, além de um aprendizado, possibilita uma aproximação com a cultura e o respeito à diversidade étnica. A escola é o espaço de referência para esse encontro. “É preciso garantir a esses pequenos condições educacionais que almejem seu desenvolvimento integral, valorizando sua cultura e fortalecendo suas subjetividades como toda criança merece e tem o direito.” (MAÇANEIRO; BAILER, 2020, p. 1).

O relato dos percursos e dos momentos apresentados evidenciam a importância de desenvolver um olhar mais atento e sensível às crianças e às famílias que estão chegando ao nosso país para além da adaptação e da manutenção de vínculos com a escola. Assim, fica evidente que é preciso incluir e ouvir essas famílias. Haja vista essa questão, reforçamos que a escola se torna uma ponte entre as famílias e as Prefeituras, que poderão alinhar políticas públicas para tornar essa chegada mais humanitária e inclusiva.

Quando pensamos na escola, há um leque de pressupostos a considerar, ou melhor, não é somente a professora que precisa se adequar às questões sobre diferentes idiomas, mas sim todos os que permeiam os espaços escolares. Aspectos simples como traduzir as mensagens e os informativos, enviados nos grupos das famílias, em relação às avaliações, aos pareceres e aos demonstrativos dos rendimentos escolares das crianças fornece uma cópia no idioma da família, são ações que promovem a inclusão dessas famílias na escola. Além disso, existindo a possibilidade de trazer um pouco da cultura e das vivências, a criança e as suas famílias sentem-se acolhidas e valorizadas. Afinal, “[...] imigrar não implica apenas se encaixar em seu novo território, mas agir nele e, assim, levar um pouco de si à nova localidade.” (NOBRE; SANTOS; FREITAS, 2021, p. 223).

O envolvimento se faz necessário para que possamos *aprender* com o novo. Entretanto, mais do que isso, é importante incluir. Aspecto esse trazido pelo presente relato de experiência quando evidencia essa ação desde o momento da rodinha, na qual se incluíram, na conversa, os encantos do local de onde as novas colegas vieram, porquanto todas as crianças se deslumbraram. Desse modo, as meninas da Venezuela perceberam que suas origens eram importantes e interessantes aos demais; sentiram-se parte, justamente, por poderem oferecer sua bagagem.

[...] as primeiras impressões que o imigrante tem em relação ao país de acolhimento é que nada lhe parece familiar e a perda das referências, como, por exemplo, a língua, os espaços, os odores e os sabores, é acompanhada de um sentimento de insegurança que pode ser muitas vezes, de rejeição, que causam desconforto e stress (FABIAN, 2021, p. 15).

A adaptação da criança imigrante envolve uma gama muito maior de fatores a serem explorados do que quando se compara a uma criança nativa. Quando uma criança chega à escola, traz consigo seu contexto familiar e história de vida, que, em sua grande maioria, assemelha-se aos demais colegas. Em contrapartida, uma criança recém-chegada a um novo país traz, na bagagem, expectativas, sentimentos e vivências absolutamente diferentes das demais.

Então, além de ter que se adaptar à nova escola, precisa se adaptar a uma nova casa, a um novo idioma, a novos costumes, a novos programas de televisão, a novo contexto econômico, a novos sabores... Tudo ao mesmo tempo. É papel da escola suavizar, explorar e acolher, para que esse *novo* seja carregado de encanto, e não de preocupação.

O convite às famílias e à participação em diferentes momentos das mães na sala de aula mostrou o quanto a escola precisa abrir mais suas portas, acolher mais as possibilidades que somente a relação família/criança pode oferecer. Esse é um caminho para o desafio da docência perante crianças em situação de imigrante: envolver as famílias, oferecer-lhes espaço para que também se sintam acolhidas e para que, igualmente, possam contribuir.

Por fim, salientamos sobre a importância de pesquisas e de produções a respeito do tema, diante do desafio encontrado durante o desenvolvimento do projeto ao buscar práticas e reflexões que pudessem servir de referência e de inspirações para o planejamento e para a prática docente com turmas que recebem alunos de outros países. À medida que há uma ampliação de matrículas de imigrantes (NOBRE; SANTOS; FREITAS, 2022), reforça-se ainda mais a pertinência de pesquisas na área, contribuindo não só para a docência, mas para disseminação das potências que a diversidade étnica proporciona.

Referências

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 05 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jan. 2023.

FABIAN, Maria Lucia Alves. Migração infantil: aspectos e implicações para crianças e adolescentes. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.111300. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/111300>. Acesso em: 18 jan. 2023.

KUBEO, Raquel; FREITAS, Cláudia Rodrigues; WERNER, Sheyla; SANTOS, Isabelle Bertaco; ASSIS, Marilena. Kubai nos encanta: uma história indígena em Comunicação Aumentativa e Alternativa, v. 8, n. 2, 2022, *Saúde em Redes*. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3932>. Acesso em: 18 jan. 2023.

MAÇANEIRO, Gisele Romilde; BAILER, Cyntia. Inquietudes de duas pesquisadoras quanto às reflexões de profissionais da educação infantil diante das relações etnicorraciais e o preconceito face aos imigrantes. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. DOI: 10.22456/2595-4377.106526. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/106526>. Acesso em: 18 jan. 2023.

NOBRE, Jeruza dos Santos. *O livro infantil em CAA: intersecções entre língua familiar e língua de acolhimento*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/233642/001135491.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jan. 2023.

NOBRE, Jeruza dos Santos; SANTOS, Joseane Frassoni dos; FREITAS, Cláudia Rodrigues de. A inclusão de crianças em situação de imigrantes na Educação Infantil de Porto Alegre – RS. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.114039. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/114039>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PALACIOS, Nacho. *¿Dónde está Venezuela?* Caracas: Meollo Criollo, 2017.

PARMEGGIANI, Roberto. *Desabilidade*. São Paulo: Editora Nós, 2018.

Data de submissão: 30/01/2023

Data de Aceite: 30/05/2023